

Editorial

OS RUMOS
DO DEBATE

A campanha eleitoral começou. No sábado, em Brasília, o PSDB lançou seu candidato à Presidência. José Serra surpreendeu, mostrando que a oposição tem uma proposta. O nível do debate foi dado, no entanto, pelo evento realizado pela situação em São Bernardo do Campo, em São Paulo, do qual participaram o presidente Lula e sua candidata, Dilma Rousseff.

Como já se tornou comum, o presidente se excedeu nos impropérios à oposição, dando o tom para a intervenção de sua candidata, que na tentativa de atingir o outro candidato, afirmou que não fugiu à luta contra a ditadura militar. Como se sabe, Dilma optou pela clandestinidade, participando da luta armada e sendo presa por isso, enquanto Serra se exilou no Chile.

Esse tipo de debate não interessa à maioria do eleitorado e, se prosperar, será certamente desvantajoso para a candidata oficial. Por isso, sua intervenção foi considerada infeliz tanto por elementos da oposição como da situação, já que diferentes opositores da ditadura também se exilaram. O ex-ministro José Dirceu, por exemplo, foi um deles.

A posição da candidata se parece com a dos militares, para quem o que houve, durante o período, foi uma guerra, e, por isso, o Estado podia torturar e matar, como fez. Conforme afirmou recentemente o ex-ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, os exilados eram fuggitivos, porque “ninguém estava sendo preso impunemente” naquela época.

Dilma é uma candidata inexperiente e não tem a popularidade do presidente Lula para pegar tudo quanto é gancho para atacar a oposição. Embora necessário, o debate sobre a contribuição de diferentes segmentos políticos para a superação do regime militar e o restabelecimento da democracia no Brasil equivale a fazer a comparação entre os governos FHC e Lula.

O que está em questão é o futuro do Brasil. Ganhará as eleições o candidato que melhor souber falar às expectativas do eleitorado. Noutra linha, o feitiço pode se voltar contra o feiticeiro.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa
Regiane Marques Sampaio

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline Reskalla

EDITORES
Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlton Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Fotografia: Leonardo Lara
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke

O SERRA DISSE
QUE QUER SER O
PRESIDENTE
DA UNIÃO!!!E DESDE
QUANDO ELE
ENTENDE DE
ACÚCAR?

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Um governador apologista do SUS
é a glória para sempre, amém!

Compreender é muito; pelo menos no discurso é

Fiquei bem impressionada com a declaração do atual governador de Minas afirmando que é apologista do Sistema Único de Saúde (SUS): “Na realidade, o SUS é um só, nacional. Quando ele foi concebido, na década de 80, foi como um todo. Seriam competência da esfera federal o financiamento e a concepção geral do sistema; aos Estados caberiam o cofinanciamento e a supervisão; e aos municípios, a execução – financiamento também. A execução caberia aos municípios, a não ser em casos de altíssima complexidade (...)”

Eu sou defensor e até apologista do SUS, acho que o avanço do Brasil ao longo dos últimos anos foi muito grande. Estamos ainda muito distantes de uma saúde pública de qualidade no Brasil, até porque a saúde pública é uma política de demanda infinita, que nunca se conclui. Mas, perto do que era no passado, quando as pessoas nem tinham atendimento e agora estão tendo o SUS, acho que é um avanço muito bom. Temos ainda muito a avançar” (“Jornal do Instituto Mário Penna” nº 7, março 2010).

Se “a esperança é a última que morre”, acalento uma, que é o governo de Minas assumir por inteiro a responsabilidade de gestor e cofinanciador do SUS, postura nunca plenamente adotada por qualquer governador até hoje. Dos 20 e tantos anos que aqui pejejo na atenção à saúde, nenhum governador declarou deferência ao SUS. Antonio Augusto Junho Anastasia é o primeiro. Parece pouco? E é. Todavia, dados o andar da carruagem: o desempenho pífio da Secretaria de Estado da Saúde (SES) e o descalabro de inúmeras prefeituras,

como já escrevi várias vezes, um governador compreender o que é o SUS é muito. Pelo menos no discurso é. Faltam os gestos.

E, em busca de gestos, tenho esperança, vaga e difusa, de que o governador dará um rumo sensato às greves maduras, moralmente apodrecendo, embora justas, do antigo Centro Geral de Pediatria (CGP), hoje Hospital Infantil João Paulo II, e do Hospital de Pronto Socorro João XXIII, ambos da SES, que foram descuidados no Choque de Gestão das duas administra-

Greves que se arrastam desmoralizam qualquer governo, pois revelam descaso para com o povo e o aparelho formador de pessoal da saúde

ções capitaneadas por Aécio Neves, das quais o hoje governador foi figura de proa. É complicado, pero...

É incrível não se importar com duas joias rutilantes da coroa da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), braço assistencial da SES, criada em 1977, via fusão de três fundações: Feal (atenção à hanseníase), Feamur (urgência e emergência) e Feap (atenção psiquiátrica), que “tem atuação em seis complexos assistenciais: urgência e emergência, especialidades, saúde mental, hospitais gerais, MG Transplantes, reabilitação e cuidado ao idoso. São 20 unidades assistenciais,

sendo sete no interior e 13 na região metropolitana de Belo Horizonte”.

Greves que se arrastam tanto tempo desmoralizam qualquer governo, pois revelam descaso para com o povo, que necessita de assistência, e com o aparelho formador da área de saúde, pois “a Fhemig é referência na formação de médicos, com residência médica em 34 especialidades em 12 unidades assistenciais, nove na capital e três nos municípios de Barbacena e Patos de Minas, sendo que três da capital são reconhecidas pelo MEC/MS como hospitais de ensino (Hospital Infantil João Paulo II, Hospital João XXIII e Instituto Raul Soares)”.

É imoral que o governador não encontre um caminho eticamente defensável para resolver o impasse. Ou ser apologista do SUS apenas no discurso lhe basta? Ou o governador Anastasia sabe que “não se faz uma omelete sem quebrar os ovos”?

